

O JOGO ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO NO FUNCIONAMENTO DA CIÊNCIA: NIETZSCHE, SAPIR E WHORF¹

Isadora MACHADO²

Resumo: A partir da perspectiva da *História das Idéias Lingüísticas*, este artigo investiga as filiações ao filósofo Friedrich W. Nietzsche (1844-1900) nas Ciências da Linguagem. Perguntando-se sobre os pontos de contato entre as diversas teorias lingüísticas e o pensamento do filósofo, propõe-se a filiação da chamada hipótese Sapir-Whorf à filosofia de Nietzsche. Desse modo, procura-se compreender a constituição das *teorias e dos métodos lingüísticos* a partir do campo heterogêneo que caracteriza as Ciências da Linguagem. Apresenta-se com esse fim um panorama do problema da linguagem em Nietzsche e, em seguida, defende-se os graus de consonância e dissonância entre os autores. Desse modo, defende-se que Nietzsche é uma condição de possibilidade para o pensamento de E. Sapir e B. Whorf. No jogo entre memória e esquecimento, é sempre lembrado o nome de W. von Humboldt enquanto “precursor” da hipótese. Percebe-se, entretanto, que no gesto epistemológico de “olhar para trás” em busca de bases, muitas vezes os autores, quando “voltam” desse gesto, o fazem já afetados por toda uma gama de outras idéias que modificaram a primeira, e é nesse sentido que vemos a filiação a Nietzsche da hipótese.

Palavras-chave: Memória; Nietzsche; Hipótese Sapir-Whorf.

Abstract: *From the Linguistic Ideas History perspective, this paper aims to understand the filiations to Friedrich W. Nietzsche (1844-1900) in Language Sciences. Asking about the relations between many linguistic theories and the philosopher's thought, it proposes the filiation of Sapir-Whorf Hypothesis to Nietzsche's philosophy. It aims to understand the constitution of the linguistic theories and methods from the heterogeneous field that is Language Sciences. In this way, it presents an outlook of the problem of language in Nietzsche and, then, it defends the degrees of similarity and difference between these authors. Thereby, it aims to defend that Nietzsche is a possibility's condition to the thought of Edward Sapir and Benjamin Whorf. In the game between memory and forgetfulness, the name of Wilhelm von Humboldt is always remembered as the “precursor” of the hypothesis. However, in*

¹ Este artigo apresenta os resultados parciais da dissertação que desenvolvemos, “Para além das palavras e das coisas: Friedrich W. Nietzsche e as Ciências da Linguagem”, 2010.

² Mestranda em Lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Guimarães, com auxílio do CNPq. E-mail: ultimaflordolacio@gmail.com

that epistemological gesture to “look back” in search of databases, the authors often “return” of this gesture affected by a whole range of other ideas that changed the first, and it is in this sense that this paper studies the filiation to Nietzsche of the hypothesis.

Key-Words: *Memory; Nietzsche; Sapir-Whorf Hypothesis.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Eis algo que me exigiu e sempre continua a exigir um grande esforço: compreender que importa muito mais como as coisas se chamam do que aquilo que são. A reputação, o nome e a aparência, o peso e a medida habituais de uma coisa, o modo como é vista – quase sempre uma arbitrariedade e um erro em sua origem, jogados sobre as coisas como uma roupagem totalmente estranha à sua natureza e mesmo à sua pele –, mediante a crença que as pessoas neles tiveram, incrementada de geração em geração, gradualmente se enraizaram e encravaram na coisa, por assim dizer, tornando-se o seu próprio corpo: a aparência inicial termina quase sempre por tornar-se essência e atua como essência! Que tolo acharia que basta apontar essa origem e esse nebuloso manto de ilusão para destruir o mundo tido por essencial, a chamada “realidade”? Somente enquanto criadores podemos destruir! – Mas não esqueçamos também isto: basta criar novos nomes, avaliações e probabilidades para, a longo prazo, criar novas “coisas”. Friedrich Nietzsche, *A Gaia Ciência*, § 58.

O gosto pela história das idéias certamente é herança dos inícios de graduação, momento em que as leituras de Michel Foucault eram intensas e apaixonadas. O refinamento desse gosto, entretanto, bem como o direcionamento e a organização, sem dúvida é fruto de participar e ter contato com a linha de *História das Idéias Lingüísticas*, tal como desenvolvida e praticada no Brasil, e coordenada pela Prof^a Eni Orlandi e pelo Prof. Eduardo Guimarães em parceria com a equipe de Sylvain Auroux, na França.

Nesse encontro com uma linha de pesquisa que se pauta pelo descontínuo dos saberes e pela materialidade da linguagem, da história e do sujeito, é que este trabalho pode ter lugar. Em

nossa dissertação investigamos a relação entre o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) e as Ciências da Linguagem. Com essa investigação, nosso trabalho procurou contribuir para a história da constituição desse campo do saber olhando para a heterogeneidade que o constitui. Todo campo disciplinar, apesar do aparente fechamento, é sempre um campo poroso sujeito ao contato e à afetação. Podemos inclusive dizer que é a partir desta ‘porosidade’ que se dá a constituição mesma de um saber. Investigá-la é compreender a constituição da disciplina que se coloca como homogênea, coerente em si mesma e auto-suficiente – qualidades estimadas pela positividade das ciências, mas que ignoram a historicidade científica.

Ao colocar em questão o afetamento que um filósofo provoca em uma disciplina como a nossa, o que se procura é mostrar que mesmo um saber que se pauta como autônomo, só consegue essa autonomia a partir de uma série de esquecimentos. M. Pêcheux, em *A língua inatingível*, denuncia que os lingüistas não podem mais ignorar que a autonomia de sua própria disciplina é conseguida por meio de certo número de ignorâncias e de recalques, pois “lingüistas durante a semana, lemos os poetas nos dias de Sabah” (Pêcheux, 2004:20).

Em história das idéias, podemos chamar de *esquecimento* esse conjunto de *ignorância e recalque*. Trata-se, para nós, de que a Lingüística vem se constituindo, desde o surgimento como ciência moderna, com uma autonomia que só pode ser vista como efeito de uma série de *esquecimentos* produzidos em seu interior. Se é preciso *esquecer* para poder circunscrever um domínio, faz parte do interesse do historiador dos saberes investigar esses esquecimentos e olhar para onde os saberes se dispersam, como propunha M. Foucault (2007).

Enquanto estudantes de *história das idéias lingüísticas*, nosso interesse inicial no mestrado era historiar a idéia de *referência* nas Ciências da Linguagem. Nosso projeto de dissertação visava a investigar de que modo esse conceito de *referência* aparecia e se modificava. Empreendemos então o trabalho inicial de pesquisar os autores que contribuíram com o estudo dessa noção a fim de deli-

mitar nosso objeto. Elaborando o possível percurso, chegamos até o nome do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Percebemos, naquele momento, que as reflexões do autor poderiam ser extremamente produtivas para pensar a relação entre a linguagem e o mundo, bem como o processo de produção dos sentidos. Desse contato inicial surgiu a primeira pergunta do trabalho: *por que a Lingüística não leu Nietzsche?* Se o pensamento do controverso filósofo sobre a linguagem se mostrava para nós como extremamente profícuo para as discussões lingüísticas, foi ao mesmo tempo por demais inquietante seu aparente desconhecimento no campo desses estudos. E foi dessa maneira que nossa investigação de mestrado se deteve para responder: *quais as filiações que podemos estabelecer entre o filósofo Nietzsche e as Ciências da Linguagem?*

A mudança da pergunta-problema conduziu nosso olhar a uma intensa busca. Pelos mais variados meios – pesquisas na internet, atenção a notas de rodapé, conversa com filósofos e lingüistas, indagações a amigos dessas áreas – é que vimos se abrir diante de nós um enorme leque de possibilidades. Apesar de não termos encontrado um trabalho de lingüistas sobre a questão, percebemos que as filiações a Nietzsche poderiam se dar por alguns caminhos. Destaca-se a relação que nosso trabalho poderia estabelecer entre Nietzsche e C. S. Peirce e Ferdinand de Saussure. Poderíamos também investigar as discontinuidades entre o filósofo alemão e o pensamento de L. Wittgenstein, e de que modo essa relação poderia ter ecoado em J. Austin. Também seria possível trabalhar a relação entre Nietzsche e M. Pêcheux e E. Orlandi³. Poderíamos ainda ter estudado as filiações de Nietzsche ao pensamento germânico sobre linguagem a partir da relação com W. von Humboldt. Ou seja, ficou claro para nós que existe uma *leitura* de Nietzsche na Lingüística, que se dá através de diferentes áreas e de diferentes autores que precisava ser investigada e trazida à tona. Neste trabalho, escolhemos por privilegiar a filiação da chamada *hipótese Sapir-Whorf* à filosofia nietzscheana e, ao apresentar al-

³ Parte desse percurso será feito em nosso futuro trabalho de doutorado

guns resultados de nossa dissertação, buscamos compreender o funcionamento da ciência a partir da memória e do esquecimento.

Filiação, na escrita da história das idéias lingüísticas, é uma vinculação teórica e/ou prática que se pode estabelecer entre autores que se relacionam de algum modo. Rejeitando idéias como *recepção* e *influência*, que implicariam um ato passivo de recebimento, e como *leitura*, que implicaria um autor empírico sendo influenciado por alguém que ele factualmente leu, a noção de filiação pode ser indicada pelo próprio autor em análise (quando este explicita que seu pensamento se liga a tal ou tal pensador), ou pelo historiador. No segundo caso, trata-se de um trabalho de interpretação do historiador, que o faz por meio de um trabalho analítico.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANALÍTICAS

Teórica e metodologicamente, este trabalho de algum modo se pauta por vazios e por lacunas que o fazer científico instaura quando precisa ser feito. Pretendemos agir nesses interstícios que se tornam mais visíveis quando nos fixamos em um ponto e tentamos falar fixamente a partir dele. É nesse sentido que fazer *história das idéias lingüísticas* permite que outros objetos sejam colocados às Ciências da Linguagem. Outros objetos, em geral, acabam por criar outros problemas. E, conseqüentemente, consideramos que esses outros problemas pedem outras práticas de análise.

E. Orlandi (2001), ao apresentar o livro *História das Idéias Lingüísticas – construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*, traz importantes informações sobre a formação da linha de pesquisa em história das idéias lingüísticas no Brasil. Além disso, situa o leitor em alguns horizontes epistemológicos, metodológicos e políticos dessa área de estudo, que se desenvolve em parceria com a equipe de S. Auroux, na França.

Segundo a autora, a proposta é a de refletir a partir das chamadas novas práticas de leitura e da construção de arquivos, práticas estas que propõe a interpretação da história. Orlandi (2001) diz que é característico dessas práticas relacionar o que é dito com

o que não é dito, ou com o que é dito em outro lugar, e mesmo com o que apenas poderia ser dito. E caracteriza os interesses deste modo de abordagem da história das ciências: é preferível se debruçar sobre a construção de conceitos e teorias que ver a história como única, universal e linear. Pode-se, assim, perceber acontecimentos que de outro modo não seriam perceptíveis. Além disso, recusa-se a hipótese de que a língua evoluiria por conta própria e de modo quase natural e também a hipótese de que a ligação entre uma língua e um território seja automática.

Orlandi (2001) atenta ainda para o fato de que não se trata de historiografia, mas de história das idéias lingüísticas, ou seja, trabalha-se com as idéias sobre a língua mesmo antes da constituição da Lingüística moderna. A especificidade do trabalho fica por conta de essa história do conhecimento ser feita por especialistas da área de linguagem. Olhar para a história das idéias lingüísticas do interior das Ciências da Linguagem traz como consequência enxergar fenômenos que escapariam a um historiador que se apresente no exterior dessas disciplinas. Insiste-se assim na abordagem discursiva, já que esta permite olhar para os discursos da e sobre a língua. Baseados nas novas técnicas de leitura de arquivo, ao produzir esses saberes não só se produz conhecimento, como se produz também novos arquivos, à disposição de outros pesquisadores.

Utilizamos em nossas análises como ponto de partida o *modelo de análise triádico* proposto por S. Aurox (1985) e exposto por J.-C. Chevalier e S. Delesalle (1986). Estes autores, na obra de 86, tratam da relação histórica entre a gramática, a lingüística e a escola na França do século XIX. Não entraremos aqui em questões pertinentes à obra, já que o que nos interessa é o trabalho de Aurox (1985) que os autores detalham. Para esse modelo de análise que mencionamos, e, portanto, para o fazer específico de história das idéias e teorias lingüísticas, deve-se levar em conta três fatores: a história das instituições pertinentes à idéia que se percorre; a história dos acontecimentos contingentes relacionados; e a análise do engendramento de teorias por meio de uma leitura atenta dos textos.

Guimarães (2004), ao trabalhar com a história do conhecimento a partir da análise destes engendramentos, faz alguns deslocamentos que julgamos pertinentes. Apesar de Chevalier & Delesalle (1986) não dizerem explicitamente que para dar conta da história de uma idéia precisa-se realizar a histórias desses três domínios – obras, instituições e acontecimentos, Guimarães (2004) afirma que cada um desses elementos pode ser objeto de uma análise específica. Entretanto, para cada um desses casos, faz-se necessário um modelo específico de trabalho, pois “em todos os casos, é necessário que sejam instrumentos adequados à concepção de história que se adotar” (Guimarães, 2004:12).

Já que a história de uma idéia pode ser feita a partir das obras que são importantes – e lembramos aqui que essa importância é determinada pelo historiador a partir de critérios que ele mesmo se coloca, repensamos até que ponto a obra pode ser tida como uma unidade óbvia (Foucault, 2007). Para realizar seu projeto em *A arqueologia do saber*, coloca em cheque a unidade da obra e do livro, dizendo que “as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas (...), ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras fases: nó em uma rede” (Foucault, 2007:26). É por isso que “por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem em mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa. Assim que o questionamos, ela perde sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos” (Foucault, 2007:26).

Tendo em vista o modelo de análise triádico proposto por S. Auroux com os devidos deslocamentos que propõe E. Guimarães, este trabalho é uma história do conhecimento feita a partir de obras, mas sem tomá-la enquanto categoria evidente por si. Tal como dissemos, interessa-nos particularmente o lugar de Nietzsche nas Ciências da Linguagem. *Onde e de que forma* este autor pode ser filiado no quadro dos estudos da linguagem. Procuramos estabelecer em quais domínios desse campo do saber Nietzsche tem lugar, e propomos que esta história seja feita a partir da análise de obras pertinentes, sem tomá-las enquanto unidade, pois,

nó em uma rede, interessa-nos justamente tomá-las enquanto dispersão de discursos – proposta foucaultiana que trazemos à baila.

NIETZSCHE NAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Enfatizaremos neste artigo a filiação da *hipótese Sapir-Whorf* à filosofia de Nietzsche. Particularmente, perguntamo-nos em quais aspectos as noções de linguagem em um lugar e outro se relacionam, de que modo se dá essa relação, e quais são as diferenças entre as noções.

Vale lembrar os textos que já propuseram a relação entre Nietzsche e a hipótese, por mais que tenhamos descoberto essas indicações quase ao fim do trabalho. Hermann Wein, em *Métaphysique et anti-métaphysique* (1958), na tentativa de empreender uma *defesa* da obra de Nietzsche, indica que avaliar as antecipações que ele faz da lingüística de Sapir e Whorf poderia influenciar em uma nova imagem de Nietzsche (“*das neue Nietzschebild*”). Nos termos do autor:

Atualmente é preciso estimar a estrondosa antecipação da *metalingüística* de Sapir e de Whorf em Nietzsche, e também sua antecipação da antropologia filosófica – segundo a formulação de Max Scheler, - do mesmo modo da antropologia cultural – segundo a formulação de Boas, Ruth Benedict, Kroeber, Herskovits: estará aí uma contribuição modesta a uma nova imagem de Nietzsche em um senso positivo. (Wein, 1958:399)¹

Outro trabalho que, assim como o de Wein, também indica essa rede de filiação é o de O. G. Dávila Del Valle, “Sujeto, pensamiento, lenguaje: itinerario de una seducción” (1998). O autor retoma Malmberg (1986) para dizer que um claro antecedente da idéia nietzscheana sobre o papel que joga a linguagem na experiência com o mundo está em Wilhelm von Humboldt. E que,

veremos reaparecer esta tese no trabalho dos pioneiros da Lingüística estruturalista nos Estados Unidos, Edward Sapir e Leonardo Bloomfield e também em Benjamin Whorf, aluno de Sapir. A hipótese, chamada

¹ No original: «Aujourd’hui il faut évaluer l’anticipation étonnante de la *Métalinguistique* de Sapir et de Whorf chez Nietzsche, et aussi son anticipation de l’anthropologie philosophique – selon la formule de Max Scheler, - ou bien de l’anthropologie culturelle – selon la formule de Boas, Ruth Benedict, Kroeber, Herskovits : voilà une contribution modeste à une nouvelle image de Nietzsche (« *das neue Nietzschebild* ») dans un sens positif.» (Wein, 1958, p. 399)

hipótese Sapir-Whorf, propõe que a estrutura lingüística desempenha um papel determinante em nossa percepção da realidade. (Newmeyer, 1886). (Dávila del Valle, 1998:59)²

Pode-se tomar, por fim, o trabalho de A. M. Garcia (2005), que ratifica a posição nietzscheana que condiciona a categoria de causalidade à estrutura gramatical a partir do trabalho de B. Whorf. Diz Garcia que

A relevância das conclusões a que chega Whorf em sua pesquisa sobre a concepção de universo de uma comunidade de homens, a qual não possui ligação lingüística com a matriz indo-européia, está em sua consonância com a proposta de Nietzsche. Ora, se existem outras gramáticas; logo existem outras formas de “perceber” o tempo, assim como existem outras formas de orientação da vida. Quão mais distante estão as matrizes lingüísticas, mais interpretações, mais visões de mundo podem ser reconhecidas. A hipótese que liga o perspectivismo de Nietzsche às descobertas da antropologia e da lingüística revela a necessidade de um estudo comparativo mais profundo. Quais seriam as conclusões a que se chegaria, no campo da ciência e da filosofia (principalmente em se considerando a filosofia transcendental de Kant), com tais argumentos, não poderíamos aqui dizer com precisão. Mas Nietzsche e Whorf nos fornecem uma indicação: teríamos, certamente, uma “nova orientação para a vida”, uma nova *Weltanschauung*. (Garcia, 2005:65-66, grifo nosso)

Garcia (2005) coloca, portanto, as pesquisas de Whorf como fundamentação para a crítica nietzscheana e salienta a importância de um estudo comparativo mais profundo entre o *perspectivismo de Nietzsche* e as *descobertas da antropologia e da lingüística*. De algum modo, nosso trabalho se coloca essa investigação como o objetivo. Entretanto, não como forma de *fundamentar* o pensamento nietzscheano por meio dessas pesquisas, mas para defender, no que compete ao nosso campo de estudos, que Nietzsche é uma *condição de possibilidade* para a *hipótese Sapir-Whorf*. Esta, por sua vez, não é homogênea, e por isso defenderemos que a filosofia de Nietzsche se liga mais ao pensamento de Sapir que ao de Whorf. Defendere-

² No original: “veremos reaparecer esta tesis em el trabajo de los pioneros de la lingüística estructuralista en Estados Unidos, Edward Sapir y Leonard Bloomfield y, así mismo, en Benjamin Whorf, discípulo de Sapir. La hipótesis, llamada hipótesis Sapir-Whorf, propone que la estructura lingüística juega un papel determinante en nuestra percepción de la realidad (Newmeyer, 1986).” (Dávila del Valle, 1998, p. 59)

mos também, com base nisso, que não existe *hipótese Sapir-Whorf*, já que esta não é nem certa e nem homogeneamente formulada. Trata-se de um esquecimento tomá-la como unívoca. Não nos colocamos, no entanto, em paridade com uma postura como a de R. Pula (1992), que acastela a hipótese como sendo a *hipótese Nietzsche-Korzybski-Sapir-Whorf*, já que tanto Nietzsche quanto Korzybski defenderam as idéias de Sapir e Whorf anteriormente. Se pensássemos desse modo, a lista estaria sempre incompleta. Poderíamos falar da *hipótese Herder-Hamann-Humboldt-Nietzsche-Korzybski-Sapir-Whorf-etc?* Estaríamos sempre *esquecendo* para poder afirmar a presença privilegiada de determinados autores.

Isso quer dizer que, no que tange aos interesses do historiador, devemos nos colocar a questão global da mudança (Auroux, 1992) – *porquê, como e quando* nosso objeto se modifica, já que “todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber” (Auroux, 1992:11). Dessa maneira, o *ato de saber* por definição sempre possui uma *espessura temporal*: um *horizonte de retrospectção*, ou seja, o halo de historicidade que se coloca como passado de uma teoria, e um *horizonte de prospecção*, ou seja, o halo de historicidade que se projeta como futuro de uma teoria (Auroux, 1992). “O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com freqüência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber” (Auroux, 1992:12).

G. Deleuze (1977) dizia que queria sair da Filosofia pela Filosofia. Com isso, explicava que estudar outros sistemas de pensamento lhe possibilitava encontros diversos e que, ao voltar para a Filosofia, poderia se utilizar desses encontros nela mesma. Em tom mais modesto, parafraseamos Deleuze: nosso trabalho é um trabalho *de e sobre* Ciências da Linguagem. E, se por vezes parecemos sair de seus domínios, é estritamente para em seguida voltar para eles.

NIETZSCHE E O PROBLEMA DA LINGUAGEM

O problema da linguagem, tal como proposto por Nietzsche, está fundamentado na idéia primeira de que a linguagem, ela mesma, já é uma interpretação do mundo. A palavra, por guardar, um conceito, já é uma apreensão da realidade. Dessa maneira, a linguagem aprisiona nossa percepção das coisas por diversos mecanismos intrínsecos a ela. Ao ordenar e organizar as coisas, a linguagem contempla uma visão-de-mundo que age pela evidência, como se o que é *dado pela linguagem* fosse o óbvio do mundo. Dessa maneira, o funcionamento da linguagem é parecido com o funcionamento da ciência, pois ambas ordenam o mundo-devir. O homem, privilegiado morador dos sótãos da linguagem, tem dificuldade de olhar as coisas do mundo fora dos hábitos gramaticais que ela encerra. Os filósofos deveriam então deixar a sedução gramatical e apontar perspectivas outras, deixando para o *povo* a metafísica da linguagem. O filósofo do futuro será aquele, portanto, que souber da guerra que tem pela frente quando se coloca como interlocutor privilegiado das coisas a saber: a guerra contra a linguagem. A guerra, entretanto, nunca é vencida, pois o homem não possui a opção de estar fora dela. Dessa maneira, agir na linguagem é uma postura de constante r-existência. Àqueles que têm coragem de se colocar nesse tenso território das palavras, é guardado um castelo de vários vitrais: a linguagem se abre enquanto multiplicidade interpretativa do mundo-caos, possibilidade polissêmica cujas linhas de fuga, enquanto possibilidades de resistência são infinitas. A análise que empreendemos em nossa dissertação é de certo mais ampla do que essa espécie de resumo que trazemos aqui, já que nela expomos o tema da linguagem em Nietzsche a partir de cinco eixos temáticos, a saber: a) história; b) anti-antonímia e crítica à metafísica das oposições: semântica dos valores; c) interpretação e perspectiva; d) crença, superstição e hábito gramatical; e e) consciência. Para os fins deste artigo, vale lembrar apenas que a linguagem é ponto fulcral da filosofia nietzscheana.

Nietzsche é um dos expoentes da filosofia do século XIX que mais influenciou o século XX. Apesar de ter se consagrado como tal, inicialmente estudou e lecionou filologia clássica. Abdicou da docência de filologia em 1879 por motivos de saúde e desde então se dedicou inteiramente à filosofia. A estreita relação com a filologia nunca foi abandonada e esta tomou contornos amplos na filosofia de Nietzsche. Se nesta o ponto nevralgico é a crítica da moral, sem dúvida a crítica da linguagem se apresentou como necessidade para o sucesso da primeira. Por meio da crítica à linguagem, Nietzsche fez a crítica à moral. E nesse sentido a filologia é, para Nietzsche, método de leitura, a ponto de ele dizer: “não fui filólogo em vão, talvez o seja ainda, isto é, um professor da lenta leitura” (M/AA, Prólogo).³ A moral é para Nietzsche um *texto*⁴ e desse modo requer que seja *lida com segundas intenções*.

A reflexão sobre a linguagem foi constante em Nietzsche desde seus escritos de juventude até as últimas obras. Adquirindo novos contornos e mudando em alguns pontos, o que se manteve é que Nietzsche tomou a linguagem como centro e ponto de partida de seus problemas filosóficos. E isso de modo tão radical que M. Foucault (1975) afirma que, junto a Freud e Marx, Nietzsche abriu ao signo novas perspectivas. C. Rojas (2006) não hesita em afirmar que a presença de Nietzsche na história da filosofia é de tal modo marcante que atribui a ele a responsabilidade do que ficou conhecido como *virada lingüística*⁵ na filosofia. Segundo Rojas, Nietzsche também empreendeu uma *virada retórica e hermenêutica*.

³ Na tradição dos estudos sobre Nietzsche, a citação de suas obras é feita indicando a sigla do texto original em alemão e, em seguida, a sigla da tradução ao português. Imediatamente, indica-se o número do aforismo por meio do sinal §. Neste caso, trata-se do prólogo da obra *Aurora*, em alemão *Morgenröthe*.

⁴ Cf. BLONDEL, E. As aspas de Nietzsche: filologia e genealogia. In: MARTON, S. [org] **Nietzsche hoje?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. p. 113.

⁵ *Virada lingüística* ou *linguistic turn* é o termo consagrado por Richard Rorty para definir o momento em que a linguagem passa a ser o problema central da Filosofia. Tomamos a obra de C. Rojas, ao invés da de Richard Rorty, por conta de nossas posições teóricas afins e por Rojas incluir em seu trabalho estudiosos da linguagem como C. S. Peirce e F. de Saussure, o que indica a compreensão de que a virada lingüística é também fruto do contato de diversos saberes.

É certo que a linguagem enquanto problema da filosofia é uma questão tão antiga quanto a própria filosofia, apesar dos diferentes caminhos que adquiriu ao longo dos séculos. D. Di Cesare (1999) destaca três fases desta reflexão: a primeira coincide com a filosofia antiga e medieval, momento que se caracteriza pelo interesse metafísico no ser e pelo exame da linguagem em função desse ser – trata-se da linguagem em seu *valor ontológico*; a segunda fase é a da filosofia moderna, que tem como valor unívoco a razão e, pelo seu valor cognoscitivo, a linguagem é o instrumento da razão para o conhecimento das coisas e para expressar a verdade sobre elas – trata-se da linguagem em seu *valor universal*; a terceira fase, por fim, é inaugurada por W. von Humboldt e toma a linguagem como condicionamento do sujeito e do objeto, do Eu e do mundo, para dizer que não há nada fora do horizonte da linguagem – trata-se da linguagem com seu *valor em si mesma*.

O fato é que Nietzsche se insere em um grupo de filósofos que levou a reflexão sobre a linguagem aos limites da Filosofia. E se diferencia de todos os outros porque agiu também *na* linguagem para construir seu pensamento filosófico. Isso a que chamamos em Nietzsche de crítica da linguagem está inserido dentro de sua filosofia conjugado com diversos saberes. A filosofia nietzscheana, como explica S. Kofman (1983), se dá na confluência de um *saber histórico*, de um *saber genealógico*, e de um *saber filológico*. *Saber histórico* porque todo conceito advém de um processo, então sua filosofia deve revelar o vir-a-ser de cada conceito, tirando o véu da abstração, da generalidade, da unidade dos termos e, assim, colocar em evidência a multiplicidade de marcas metafóricas e sua transformação ao longo do tempo. *Saber genealógico*, porque Nietzsche encara cada metáfora como sintoma de um tipo de vontade que precisa ser compreendida. E *saber filológico*, porque entende cada conceito como um texto, decifrando-o, a fim de ler nele o sentido e a direção de sentido que ele tomou.

Retomaremos neste trabalho alguns pontos da reflexão de Nietzsche sobre a linguagem ao compará-la com o pensamento de Edward Sapir e Benjamin Whorf.

MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E O FUNCIONAMENTO DA CIÊNCIA

No jogo da história dos sistemas de pensamento, não é possível tratar como finita a prática teórica, uma vez que sua produção nunca é estanque: o *aparato discursivo* que a antecede e que a sucede, bem como o que tudo aquilo que lhe é contemporâneo, está sempre deslocando seus sentidos e significando-a em outros lugares. Do mesmo modo que se tentamos isolar o fio de uma colcha ele será fio, e não colcha, desse mesmo modo não é possível falar da natureza de uma idéia científica, ou de sua essência, pois o que se coloca em questão é sempre o jogo das heterogeneidades de textos, comentadores, aplicadores e experimentadores de uma determinada idéia. O conhecimento sempre é produzido em rede (Auroux, 1992).

O *efeito-de-linha* do conhecimento científico, isto é, a “sensação” de que a história da ciência é a história de uma linearidade homogênea, para nós é apenas um efeito oriundo de diversos fatores. A própria concepção escatológica do tempo judaico-cristão, de que o tempo caminha para uma finalidade, influencia esse sentido de progresso que atribuímos ao conhecimento científico. Conseqüência dessa visão de tempo na ciência, os que estão no “trampolim da história”, os contemporâneos estariam sempre no auge das descobertas e no mais avançado que já se chegou.

Vale ainda lembrar que isso que chamamos efeito-de-linha é possível, em grande medida, pelo jogo entre memória e esquecimento. Ou seja, o efeito de que o conhecimento se dá pela eterna superação do anterior ocorre porque um determinado conjunto de proposições é lembrado e porque, em contrapartida, as ramificações e as bordas são apagadas. Lembrança e apagamento que não são resultado do trabalho nem de um sujeito consciente e muito menos de uma história maquínica. Este movimento de mão dupla se dá no próprio jogo de produção do conhecimento científico, para que ele tenha o efeito de unidade necessário a sua coerência interna.

A constituição do efeito-de-linha, no entanto, deve fazer parte dos interesses de qualquer historiador do conhecimento. Isso

porque, a partir dele, o historiador se interessará pelos descompassos dos saberes, por aquilo que Foucault (1969, 1970) caracterizou como o *descontínuo*. Em oposição ao que chamamos aqui de efeito-de-linha, o descontínuo são as “cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis” (Foucault, 1969:58). A história contínua, afirma Foucault (1969:14), “é o correlato indispensável da função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido”.

Se o sujeito é a instância fundadora do dizer, e assim o local originário da produção também do dizer científico, fazer a história dos saberes produzidos por esse sujeito seria a restituição *ipso facto* de sua obra. Como salientamos em outros momentos deste trabalho, de nossa perspectiva a constituição dos saberes científicos é sempre heterogênea, também porque o sujeito não é fundador do discurso. Isso quer dizer que os fatores que afetam a produção do conhecimento científico são de ordens diversas e não-lineares e que a ciência é afetada por uma exterioridade que a constitui: a história, a cultura, as áreas correlatas, etc.

O desejo de homogeneidade, portanto, é tensionado por essa heterogeneidade constitutiva. No caso da chamada hipótese Sapir-Whorf, o primeiro fator a ser notado é a circulação do enunciado já estabilizado dentro das Ciências da Linguagem: “hipótese Sapir-Whorf”. Essa circulação estabilizada confere à hipótese uma transparência de sentido, ou seja, faz com que o enunciado circule como se o conceito ao qual ele se refere fosse óbvio. O efeito de evidência na circulação do termo provoca o fechamento interpretativo. Isso quer dizer que como o enunciado a ‘hipótese Sapir-Whorf’ circula como se fosse um conceito evidente, qualquer tentativa de atribuir a ela outra direção de sentido é dificultada pela tradição de seu uso. Esta tradição se constitui, em grande medida, a partir do trabalho de diversos comentadores e continuadores da obra de Edward Sapir e de Benjamin Lee Whorf.

Há algum tempo M. Foucault (1970) já identificou no comentário um procedimento interno de exclusão dos discursos. Nestes procedimentos, os discursos eles-mesmos atuam no con-

trole de outros discursos. O comentário, nesse sentido, provocaria desnivelamentos em discursos que são familiares entre si e agiria limitando o acaso do discurso pelo jogo de uma identidade da repetição e do mesmo. Assim, por mais que a prática do comentário incite a produção de discursos, não se pode deixar de reconhecer neles um mecanismo de apagamento e de exclusão de outras possibilidades de dizer. Desse modo, o grande número de comentadores da ‘hipótese Sapir-Whorf’, apesar de terem propagado a discussão que a hipótese incita, restringiram sobremaneira a interpretação dela, provocando a dificuldade com a qual nosso trabalho se depara e que será desenvolvida mais à frente, que é a de estabelecer uma nova haste no horizonte de retrospectção da hipótese.

Outro ponto a ser notado é que dizer *hipótese Sapir-Whorf* já representa uma *seleção*, já que outros autores fazem parte dessa construção, e também um *nivelamento*, uma vez que as idéias de Sapir e as idéias de Whorf não são idênticas.

A partir disso que chamamos aqui de imaginário epistemológico, qualquer tentativa de deslocamento do óbvio é vista como problemática. O deslocamento que intentamos efetuar é dizer que o que ficou conhecido como hipótese Sapir-Whorf pode ser filiado ao pensamento de Nietzsche. Para tanto, em nossa dissertação analisamos as obras *Language*, de Edward Sapir, e *Language, Thought and Reality*, de Benjamin Lee Whorf, organizada por John Carroll, a partir do dispositivo da Semântica do Acontecimento⁶, bem como algo da fortuna crítica da hipótese, para, em seguida comparar o pensamento de Nietzsche ao dos autores estado-unidenses.

NIETZSCHE, SAPIR E WHORF

A linguagem, tanto para Sapir quanto para Nietzsche, não é inerente ao homem. Ela foi *criada*, no sentido de que não faz parte das funções bio-fisiológicas da espécie humana. Para Nietzsche, é por necessidade de comunicação que o homem cria a lingua-

⁶ Cf. GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

gem, pois enquanto espécie animal mais ameaçada, precisou de algo que pudesse se sobrepor aos animais. Para Sapir, dizer que a linguagem é não-inerente significa apenas dizer que ela é uma função cultural, e não função biológica, como *andar*, por exemplo. A linguagem em Sapir é adquirida, enquanto o ato de andar é algo previsto pela biologia humana: se o homem não estiver em sociedade, ele não aprenderá a falar, mas com toda certeza, aprenderá a andar. A diferença que se coloca aqui é necessariamente uma diferença de *força*, em nosso entender. Nietzsche trata a linguagem como instrumento de guerra, enquanto em Sapir não existe esse caráter. Esta diferença, como veremos a seguir, se manterá em muitos pontos.

Para ambos, agem na linguagem forças irracionais e inconscientes, de modo que para os dois autores a maior parte da linguagem se dá em nível inconsciente. Novamente, para Nietzsche essas forças irracionais *lutam* no homem para que ele as afirme, enquanto para Sapir essas forças se referem aos instintos humanos.

Tanto Nietzsche quanto Sapir afirmam que nossa apreensão do mundo está determinada por *hábitos lingüísticos*. Isso quer dizer que a linguagem, enquanto já interpretação dos fenômenos, impõe uma forma de apreender a realidade. O termo, segundo J. Penn (1972), não está em W. von Humboldt, a quem é atribuído uma das bases germânicas para a hipótese Sapir-Whorf. Em princípio, portanto, podemos atribuir o uso do termo por Sapir a Nietzsche. Existem então funcionamentos da linguagem que agem na forma como compreendemos o funcionamento do mundo.

Nesse contexto, a linguagem é interpretação. E isso acarreta para ambos os autores que ela traz como herança para as gerações que a carregam o aparato de *doxa* das gerações anteriores. Sapir afirma que a linguagem traz um *sistema de dogmas*, enquanto Nietzsche afirma que a linguagem traz um *sistema de valores*. O que fica de comum entre os autores é que a linguagem é o arcabouço de crenças de uma cultura ou sociedade, de modo que muito do que se *vê* ou se *acredita* no mundo não advém de uma reflexão sobre as coisas, mas do que a linguagem já reserva em

si. Os exemplos de ambos são parecidos: temos dificuldade em entender que algo pode não ser *ou branco ou preto*, ou que uma ação pode não ser *ou boa ou má*. No fundo, temos dificuldades de apreender algo enquanto uma *gradação*, e não como oposição, esta que é imposta pela linguagem. Vale ressaltar novamente que Nietzsche praticamente funda sua reflexão sobre linguagem e sobre a moral na análise e na crítica dessa função modeladora da linguagem, enquanto em Sapir essas questões aparecem enquanto uma das conseqüências de se estar na linguagem.

A linguagem, a partir disso, simplifica nossa experiência no mundo, pois existem *forças interiores* (Nietzsche) e *experiências interiores* (Sapir) que precisam ser designadas com as mesmas palavras para todos. Isso a que os dois autores chamam de *igualação do não-igual* é uma das conseqüências de se estar na linguagem. A percepção individual do fenômeno, para ambos, é incomunicável, e em contrapartida temos os mesmos símbolos para expressá-la – as mesmas palavras para diferentes percepções. E é nesse sentido que a linguagem é simplificadora.

Por fim, ambos ressaltam o funcionamento da linguagem em consonância com o funcionamento da ciência, pois tanto uma quanto a outra executam o papel de organizar e segmentar o mundo. Ao tentar ordenar o mundo, tanto linguagem quanto ciência descreve a realidade do fenômeno.

Nietzsche, no entanto, vê na linguagem um “campo de batalhas”, em que determinadas formas de vida querem se sobrepor a outras, impondo uma interpretação. Trata-se de fato de uma guerra. Guerra de sentidos, de interpretações. Sapir, apesar de mencionar o grilhão da palavra, é mais *pacificador*, pois enxerga nesse funcionamento já-interpretativo da linguagem uma possibilidade conhecer modos de funcionamento de uma cultura.

Que Sapir *leu* Nietzsche é algo que podemos comprovar pela leitura de *Language*, já que ele cita a *beleza da prosa nietzscheana*. Como ele teria lido é algo que não temos acesso, mas sabemos que Sapir se formou em *filologia germânica* e que com ela teve contato com o pensamento do lingüista Fritz Mauthner, que teve seu pensamento afetado pela leitura de Nietzsche. Tratar da linguagem

enquanto uma interpretação, enquanto uma visão-de-mundo – assim pressupondo-se que existem várias – é uma idéia formulada de diferentes maneiras, mas na maioria delas para se opor, segundo J. Penn (1972) ao pensamento kantiano, oposição que tanto W. von Humboldt, a quem atribuem as bases do pensamento de Sapir, quanto Friedrich Nietzsche, a quem propomos a ligação com o pensamento sapiriano, efetuaram.

As semelhanças entre Nietzsche e Whorf a nosso ver são mais limitadas, apesar dos pontos de contato que podem ser estabelecidos. Essa limitação se deve, em grande medida, à ênfase dada por Whorf na relação entre o pensamento e a linguagem. Em muitos casos, notamos o *apagamento* da relação com a cultura/realidade, de modo que o interesse maior para ele é compreender de que modo se dá o pensamento. A linguagem, nesse contexto, funciona como uma forma de acesso a ele. Trata-se de uma linguagem muito mais interiorizada, movimento contrário a nossa interpretação de Nietzsche e de Sapir.

Whorf dá uma dimensão ao pensamento e ao comportamento que não aparecem nas obras nietzscheanas que analisamos. Na tentativa de popularizar a Lingüística, Whorf permite um *psicologismo intimista* que não está posto em Nietzsche. Não há luta de sentidos nem de interpretações, pois a cultura é homogênea em Whorf, mas não em Nietzsche.

As teorias e os métodos lingüísticos, e não somente eles, funcionam como se houvesse obviedade ou mesmo homogeneidade em algum de seus pontos. O que se mostra, pelo contrário, é que cada ponto dessa rede é na verdade algo bem mais complexo do que o aparente. Na medida em que vamos desenrolando o novelo de uma idéia, vamos descobrindo a existência de liames e outros problemas, que muitas vezes fazem o trabalho parecer impossível.

Quando tomamos a *hipótese Sapir-Whorf* vemos que esse enunciado funciona como se a) houvesse a formulação da hipótese, b) como se ela fosse unívoca, e como se c) ela pudesse ser atribuída aos autores que dão nome a ela. Mas o que encontramos são várias formulações da mesma hipótese, e que ao tentar dizer o mesmo levam a hipótese a outros lugares. Mesmo Sapir e Whorf

não chegaram a formulá-la explicitamente. Mesmo o *relativismo lingüístico* atribuído aos autores não é um termo encontrado nas obras.

A fortuna crítica dos autores, entretanto, toma como evidente o enunciado e partem dele para enunciar um conjunto de proposições por vezes excludentes entre si, mas guarda em comum um gesto essencial: a aproximação da hipótese ao cognitivismo e/ou ao biologismo. De nosso ponto de vista, o que permite essa leitura são os trabalhos de B. Whorf, que com o projeto de popularizar a Lingüística acabou dando ênfase à relação entre linguagem e pensamento, por vezes apagando a cultura, termo considerado tão essencial por Sapir. Na leitura da fortuna crítica, o que vemos é justamente esse apagamento. Dessa maneira, atualmente a hipótese é trabalhada principalmente por pesquisadores dos Estados Unidos que empreendem trabalhos empíricos para provar ou refutar a validade científica da hipótese. Em nosso entendimento, ela está mais próxima de uma formulação das Ciências Humanas, o que quer dizer que seus meios de “comprovação” se dão em outra especificidade.

Nesse funcionamento, sempre é lembrado o nome de W. von Humboldt enquanto “precursor” da hipótese e de tantos outros da tradição germânica que auxiliaram na construção da idéia que a hipótese discute. Percebemos, entretanto, que no gesto epistemológico de “olhar para trás” em busca de bases, muitas vezes os autores, quando “voltam” desse gesto, o fazem já afetados por toda uma gama de outras idéias que modificaram a primeira, e é nesse sentido que vemos a filiação a Nietzsche da hipótese.

Trabalhar com Nietzsche impõe dificuldades que pouco tem a ver com as impessoalidades da ciência. Foi necessário, de algum modo, entrar na ordem de um discurso extremamente intempestivo, para em seguida poder em contrapartida usufruir de seus benefícios. Pois trabalhar com Nietzsche também impõe uma série de pessoalidades que nada tem a ver com a impessoalidade das ciências. Foi necessário, de vários modos, permitir o riso ao ler. Foi necessário compreender que “trabalho sério” seria uma inconsistência epistemológica com nosso gaiato objeto. Foi preciso

um trabalho de toupeira, que conseguisse abrir labirintos nos aforismos de Nietzsche. Cavar passagens secretas para, em seguida, poder fecundar os fossos com a exterioridade de nosso problema – a controversa hipótese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- CHISS, J-L.; PUECH, C. *Fondations de la linguistique – études d'histoire et d'épistémologie*. 2. ed. Louvain-la-neuve: Duculot, 1997.
- DÁVILA DEL VALLE, O. G. Sujeto, pensamiento, lenguaje: itinerario de una seducción. In: KERHOFF, MANFRED (org.). *Filosofía del desencanto: Nietzsche en Puerto Rico*. San Juan: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1998. pp. 51-64.
- DELEUZE, G. PARNET, C. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1977.
- DI CESARE, D. *Wilhelm von Humboldt y el estudio filosófico de las lenguas*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999.
- FOUCAULT, M. [1969] *Arqueologia do Saber*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2007.
- FOUCAULT, M. [1970] *A ordem do discurso*. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- GADET, F. PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*. Campinas: Pontes, 2004.
- GARCIA, A. *Perspectivismo e Linguagem: considerações sobre Teoria do Conhecimento em Nietzsche*. 88p. Monografia - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2005.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- KOFMAN, S. *Nietzsche et la métaphore*. 2. ed. Éditions Galilée, 1983.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. Prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. [1886]
- NIETZSCHE, F. *Aurora*. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.

- ORLANDI, E. [org.] *História das Idéias Lingüísticas – construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Cáceres, Campinas: Pontes, Unemat Editores, 2001.
- PENN, J. *Linguistic relativity versus innante ideas: the origins of the Sapir-Whorf hypothesis in german thought*. Mouton De Gruyter: EUA, 1972.
- ROJAS, C. *Genealogia del giro lingüístico*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2006.
- SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace, 2004.
- WEIN, H. *Métaphysique et anti-métaphysique accompagné de quelques réflexions pour la défense de l'oeuvre de Nietzsche*. In : *Revue de Métaphysique et de Morale*. n. 4. 1958. pp. 385-411.
- WHORE, B. CARROLL, J. *Language, thought, and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, Mass.: MIT, 1956.